

**VIVER E MORRER COM:
(TRÁGICAS) APRENDIZAGENS MULTIESPÉCIE
E MODOS DE DIZER ADEUS**

**VIVIR Y MORIR CON:
(TRÁGICOS) APRENDIZAJES MULTIESPECIE
Y FORMAS DE DECIR ADIÓS**

**LIVE AND DIE WITH:
(TRAGIC) MULTISPECIES LEARNING
AND WAYS OF SAYING GOODBYE**

Enviado: 29.08.2024

Aceptado: 30.11.2024

Tiago Amaral Sales

Biólogo, pedagogo, magíster y doctor en Educación (UFU). Posdoctorado en Divulgación Científica y Cultural (UNICAMP). Profesor en la Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Email: tiagoamaralsales@gmail.com

O que podemos aprender vivendo e morrendo com os outros seres? A partir de um olhar ao acontecimento da morte da Gatinha Colorida – uma companheira felina que habitava e foi assassinada na rua em que também mora o autor –, o ensaio colocou-se em movimentos de atentar-se às tensões entre vida e morte que acontecem em devires com outros seres no Antropoceno-Capitaloceno-Plantationoceno, em tempos de ruínas. Objetivou-se, junto do aporte teórico de autorias como Haraway, Despret, Fausto, Deleuze, Rolnik, Tsing, Coccia e Preciado, criar estórias, poéticas e, em escritas fabulativas multiespécies, especular, experimentar, misturar o vivido com o sonhado de viver e morrer com. Buscamos, assim, pensar e sentir a arte de viver e morrer com, repensar a vida perante a morte, compor com a morte em movimentos de vida. Em suma, aprender com os outros seres – humanos e não humanos – a viver e morrer em um mundo em ruínas.

Palavras-chave: vida, morte, estudos multiespécies, educação.

¿Qué podemos aprender viviendo y muriendo con otros seres? A partir de una mirada a un evento relacionado con la muerte de Gatinha Colorida– la calle donde también vive el autor–, el escrito se propuso prestar atención a las tensiones entre la vida y la muerte que ocurren en devenires con otros seres en el Antropoceno-Capitaloceno-Plantationoceno, en tiempos de ruinas. El objetivo es, junto con el aporte teórico de Haraway, Despret, Fausto, Deleuze, Rolnik, Tsing, Coccia y Preciado, crear historias, poéticas y, en escritos fabulativos multiespecies, especular, mezclar lo vivido con el sueño de vivir y morir con. Buscó pensar y sentir el arte de vivir y morir con, repensar la vida frente a la muerte, componer con la muerte en movimientos de vida. Aprender con otros seres–humanos y no humanos– a vivir y morir en un mundo en ruinas.

Palabras clave: vida, muerte, estudios multiespecies, educación.

What can we learn by living and dying with other beings? From a look at an event involving the death of Gatinha Colorida – one companion feline who lived and was murdered on the street where the author also lives –, the essay set out to pay attention to the tensions between life and death that occur in becomings with other beings in the Anthropocene-Capitalocene-Plantationocene, in times of ruins. The objective was, together with the theoretical contribution of Haraway, Despret, Fausto, Deleuze, Rolnik, Tsing, Coccia and Preciado, to create stories, poetics and, in fabulative multispecies writings, speculate, mix what is lived with what is dreamed of living and dying with. We sought, therefore, to think and feel the art of living and dying with, to rethink life in the face of death, to compose

with death in movements of life. In short, learn from other beings – human y non-human – to live and die in a world in ruins.

Keywords: life, death, multispecies studies, education.

1. Caminhos de vida-e-morte, caminhos de pesquisa, caminhos de escrita

[...] estamos aqui para viver e morrer com, não só para pensar com e escrever com. Mas, para isso, também estamos aqui para semear mundos com.

Donna Haraway (2023, p. 225)

Quantos caminhos podem ser trilhados em uma vida? A que lugares eles conseguem nos levar? E com as escritas, que outras rotas são possíveis de seguir? Escrever seria um jeito de, ao grafar certas palavras e movimentos intensivos de pensamento, eternizar esses trajetos e o que é neles vivido, experimentado, sentido, aprendido, apreendido, incorporado? E quando as palavras – e existências – morrem, como deixá-las ir embora, ganhar outros corpos e espaços, fluir? Como semear mundos com os outros seres, com as palavras, com as práticas, juntos?

Donna Haraway (2023), na epígrafe que abre este texto, convoca-nos a pensar na nossa tarefa ética e política de, com outros seres humanos, não humanos e mais que humanos, traçar caminhos não só de vida e de morte, mas de pensamento e de semeadura de mundos: trajetos de cocriação. A partir dessas inquietações, movimentamos este que é um trabalho acerca da vida-e-morte: tudo junto, pensando que viver é também morrer a todo instante, até que se acabe o que existia e possa, quem sabe, vir algo novo, quiçá desconhecido.

“Viver é partir, voltar e repartir”, canta o rapper brasileiro Emicida, na música *É tudo pra ontem*. Viver é chegar e também ir embora. “O trem que chega é o mesmo trem da partida. A hora da chegada é também despedida”, ressoa a canção *Encontros e Despedidas*, de Fernando Brant e Milton Nascimento, eternizada na voz de Maria Rita. São nuances para pensar e sentir os começos e os fins.

Nascer. Fecundar a terra. Embrionar um mundo. Experimentar um modo. Rascunhar um caminho.

Chegar. Fazer morada. Entrar em movimentos. Movimentar-se. Agitar o corpo. Fixar. Deixar algo. Ir embora.

Mas ir embora como? De que formas? Suaves, trágicas? Traumáticas, perversas, catastróficas? Intensas maneiras de partir – umas mais do que as outras...

Viver. Respirar. Alimentar. Comunicar. Grafar. Passar.

Morrer. Caminhar. Novos ciclos. Continuar.

Teria como falarmos de vida sem necessariamente chegarmos na morte? Ou melhor, haveria como viver sem também morrer?

E existiria poesia nesse trajeto todo? Quiçá, teria como levar a sério vida-e-morte sem certa dimensão poética?

Nesses ziguezagues começo a traçar as linhas que imbricam na escrita deste ensaio. Sobre a experiência de ziguezaguear, o filósofo francês Gilles Deleuze, em diálogos com Claire Parnet (1995, p. 78), em seu *Abecedário*, afirma que o Z – e o ziguezague – “É o movimento... a mosca... O que é isso? Talvez seja o movimento elementar, o movimento que presidiu a criação do mundo. (...) A base de tudo não é o Big-Bang, mas o Z”. Ziguezaguear é também *devir-com*¹ as moscas, ir para lá e para cá, abdicar do desejo de certezas, atrever-se à aventura da deriva entre tempos e espaços, entre acontecimentos... entre vida e morte até, quem sabe.

Não sei quando esse texto começou, mas aconteceu. Talvez, como nos inspira Clarice Lispector (2019) “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim à outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história, havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve” (p. 11). Um sim foi necessário para atentar com olhares outros às vidas e às mortes que me acompanham, que fissuram quem eu sou e me permitem devir com outros seres.

“Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos. Meu sangue latino” cantava a banda Secos e Molhados na música *Sangue Latino*, de João Ricardo Teixeira e Paulo Roberto Mendonça. Quantos e quais mortos nos acompanham em vida? De que maneiras compõem os nossos trajetos e permanecem vivos conosco?

Sair da dimensão pessoal e partir para o coletivo – com a vida e a morte, os vivos e os mortos. Sentir os encontros – onde, quando e como acontecem? Aprender a viver e morrer com. Posso dizer, então, que tudo começou com um

¹ Mobilizo o conceito de *devir-com* sobretudo junto das escritas de Donna Haraway (2022), pensando neste movimento de um devir que acontece sempre *COM* o outro, conjuntamente, entretanto, neste e em outros textos meus, também me inspiro na dimensão conceitual de devir que os autores Deleuze e Guattari (2011) trabalham. Na seção 4, intitulada de “Repensar a vida de frente à morte”, volto brevemente nessas reflexões acerca do devir e devir-com, aliando e (des)alinhando referências dos mesmos. Entendo que existam diferenças – e até certas divergências – filosófico-conceituais entre as autorias citadas, entretanto percebo ser interessante traçar essa leitura e diálogo de suas percepções teóricas acerca do devir e devir-com, dentro do que for possível, sensato e frutífero. Essa é uma das apostas que este texto faz.

sim dito à escrita como modo de vida, já que “[...] Na escrita percebi maneiras de ser, de me criar, de aprender, de ensinar” (Sales, 2023, p. 4). Um sim às alianças entre ciências, artes e filosofias. Um sim aos emaranhados entre diferentes seres, aos encontros entre heterogêneos, às relações, às diferenças, ao múltiplo, às fricções, aos atritos. Um sim à educação que acontece na/em meio à/pela vida (Sales et al., 2023), e também com a morte.

Um acontecimento marca o trajeto aqui mobilizado: estar de frente – literalmente – à morte da ‘Gatinha Colorida’ – nome que dei no dia de seu óbito como maneira de respeito e homenagem à ela –, espécie companheira que vivia na rua de minha casa e foi atropelada em minha frente. “Respeitar é *respecere* – olhar de volta, considerar, compreender que o encontro com o olhar do outro é uma condição de se ter rosto” (Haraway, 2022, p. 33). Respeito que acontece, quiçá, no fim de uma vida, no olhar atento e sensível à morte. Assim, as escritas desse ensaio iniciam como maneira de elaborar a, tantas vezes, difícil tensão entre vida-e-morte que aconteceu e ficou mais nítida ainda naquele dia. São tentativas de vivenciar o luto e movimentar maneiras de dizer um adeus ou, quiçá, de manter vivo o que morreu, e matar certas percepções que insistiam em permanecerem ativas.

Múltiplas leituras me guiaram nessas escritas. Destaco o papel da bióloga, filósofa e antropóloga da ciência Donna Haraway, a qual me anima a partir do encontro com diferentes obras suas – sobretudo com três livros recentemente traduzidos à língua portuguesa e publicados no Brasil, que são: *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa* (2021); *Quando as espécies se encontram* (2022); *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* (2023). Eles são também meus companheiros nessas escritas e travessias entre vida-e-morte.

Com Haraway (2021; 2022; 2023), penso nos desafios e nas belezas de viver e morrer com os outros seres no mundo, mas não um mundo qualquer: viver e morrer com em espaços e tempos situados, em relações em que não acontece tudo-ao-mesmo-tempo, mas selecionadas, localizadas, fragmentadas mesmo que em suas conexões. Sobre essas dimensões, ela afirma que:

Meus relatos multiespécies contam sobre a recuperação em meio a histórias complexas, que são tão cheias de morte quanto de vida; tão cheias de finais, e mesmo de genocídios, quanto de inícios. Diante do inexorável excesso de sofrimento historicamente específico das amarrações entre espécies companheiras, não me interessam a reconciliação nem a restauração, mas estou profundamente comprometida com outras possibilidades mais modestas de recuperação parcial e de nos levar bem. Chamemos isso de “ficar com o problema”. Assim, procuro por narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos

especulativos. Nessas estórias, os jogadores multiespécies, entramados em traduções parciais e imperfeitas através da diferença, refazem os modos de viver e morrer sintonizados com o florescimento finito ainda possível, com a recuperação ainda possível (Haraway, 2023, p. 23).

Ficar com os problemas de viver e morrer com. Ficar com os problemas de uma Terra/terra habitada por seres contraditórios, tantas vezes por eles manchada com sangue que, paradoxalmente, também nutre na germinação de outros caminhos. Inspirar em narrativas reais tecidas em emaranhados multiespécies para forjar estórias, para brincar com os corpos e com as palavras. Espelhar para levar a sério uma coabitação entre heterogêneos. Trançar linhas-de-vida-e-de-morte para, enfim, fabular. Em suma, aprender a viver e morrer com. A autora me inquieta na tarefa de ficar com os problemas dessas coexistências tantas vezes atritosas, de constituir encontros entre diferentes espécies, de tecer relações.

Penso na dimensão de emaranhados multiespécies inspirados, sobretudo, nas escritas de Donna Haraway (2021; 2022; 2023). Para a autora, compomos emaranhados situados em tempos e espaços: são relações localizadas e marcadas por certos limites. Assim,

[...] animais individuais, humanos e não humanos, são, eles mesmos, agenciamentos emaranhados de relações atadas em muitas escalas e tempos com outros agenciamentos, orgânicos ou não. Criaturas individuadas importam; elas são nós mortais e carnis, não unidades últimas do ser. Tipos importam; eles também são nós mortais e carnis, não unidades tipológicas do ser. Indivíduos e tipos, em qualquer escala de tempo e espaço, não são totalidades autopoieticas; são aberturas e fechamentos pegajosos e dinâmicos em um jogo finito, mortal, mundificador e ontológico. Formas de viver e morrer importam: quais práticas historicamente situadas de vida e morte multiespécies devem florescer? Não existe um lado de fora a partir do qual responder a essa pergunta imperiosa; devemos dar as melhores respostas que chegarmos a conhecer sobre como articular e agir, sem o truque do deus da autocerteza. Mundos de espécies companheiras são tartarugas até o fim. Longe de reduzir tudo a uma sopa de complexidade pós- (ou pré-) moderna em que qualquer coisa acaba sendo permitida, as abordagens de espécies companheiras *devem* de fato se engajar na cosmopolítica, articulando corpos a alguns corpos e não a outros, nutrindo alguns mundos e não outros, e suportando as consequências mortais (Haraway, 2022, pp. 32-33).

Emaranhados multiespécies são encontros de certas existências com outras aos quais devemos ter atenção, percebendo onde, quando e de que maneira acontecem. Também me inspiro em outras referências, como a noção de emaranhados criativos de coisas que Tim Ingold (2012) pensa, e nas escritas de

demais autorias dos estudos multiespécies, como Anna Tsing (2019) ao pensar nas paisagens multiespécies do Antropoceno.

Leituras de textos da filósofa e psicóloga Vinciane Despret compuseram comigo nessa tarefa de pensar junto dos mortos – no caso a Gatinha Colorida, que se juntou a tantos outros e outras que se foram e voltaram nessa tarefa de lembrar e se enlutar ao viver e morrer com os seres. O livro *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam* (Despret, 2023), recém traduzido e publicado no Brasil, é um interessante interlocutor teórico ao pensar em como os mortos seguem vivos conosco: eles nem sempre vão embora, certas vezes ficam aqui, em nós, nas memórias, nas narrativas, nas criações.

Despret tem inúmeras investigações com os mortos. São trabalhos que nos inquietam nas distintas maneiras de “pesquisar junto aos mortos” – como no trabalho da autora intitulado dessa forma (Despret, 2021) – e de lidarmos com teorias do luto em perspectivas que reconheçam a pluralidade de formas de interagir, viver e morrer com os mortos (Despret, 2011). Segundo a autora, nós – sociedades ocidentalizadas-colonizadas – “Somos praticamente os únicos a pensar que quando os mortos estão mortos, eles estão mortos” (Despret, 2011, p. 74). Eis tantas problemáticas dessas visões biomedicalizadas – e, inclusive, anestesiadas perante a multiplicidade de modos de existir e se relacionar – que rotulam o fim de um respiro e batimento cardíaco como cessar de uma existência. Mesmo reconhecendo as diferenças entre América Latina – onde me encontro – e Europa Ocidental – campo de escrita da autora –, entre nossas naturezas-culturas² e os impactos advindos dos modos que os sistemas coloniais, capitalistas e neoliberais nos afetam, percebo certos encontros frutíferos com essas maneiras de entender e problematizar como temos lidado com a morte, o luto, o matar e o morrer.

Sobre o luto, Vinciane lembra-nos de que “[...] nossa relação com o luto está se modificando. Eu proponho a leitura desta metamorfose sob o signo de uma resistência” (Despret, 2011, p. 79). São resistências ao que se coloca – pela medicina, pela psicanálise, pela psiquiatria, pela biologia, e... – como a morte sendo o fim da vida. Na verdade, a vida pode continuar de inúmeras formas, e não cabe também tentar esgotá-las, mas acompanhar estas modulações e suas tessituras nos territórios que vamos percorrendo em nossas pesquisas-vidas.

Também os escritos da filósofa Juliana Fausto em *A cosmopolítica dos animais* (2020) foram importantes interlocutores teórico-referenciais para engendrar estas linhas que buscam se movimentar em alianças multiespécies. Com Fausto (2020,

² Grafo naturezas e culturas juntos inspirado nas escritas de Donna Haraway (2022) ao pensar nessas dimensões como inseparáveis.

p. 12), pude ser apresentado ao “[...] campo conhecido como estudos animais que reverbera um interesse renovado por esses outros viventes que dividem o planeta com a humanidade”. No livro, a autora tece inúmeras reflexões acerca de como os animais fazem políticas em seus modos de vida, em suas relações, em emaranhados também com humanos e outros animais não humanos, em relações que perpassam o brincar, o luto, a dor, as ciências, as indústrias, dentre outras dimensões.

Curioso pensar que eu, biólogo, professor formador de biólogos e biólogas e de professores e professoras de ciências e biologia, depois de tanto estudar animais-e-plantas-e-outros-seres, não tinha proximidade com o campo dos ‘estudos animais’. Chego a questionar o que fazíamos nas aulas de zoologia e ecologia durante a minha graduação. Reflito nas certas limitações que os campos das ciências da natureza se colocam – permeando a formação inicial de pesquisadores/as e docentes –, buscando olhar com objetividade e frieza a estes outros seres, destituindo-os, em suma, de sua característica ética-política enquanto viventes que compartilham a Terra/terra conosco, desejando, tantas vezes, retirar deles a capacidade de agência diante do mundo que habitam. Porém, para além de denunciar questões problemáticas que permeiam os modos de feitura científica junto de seu ensino e divulgação, encantam-me as maneiras possíveis de tecer diálogos e alianças entre ciências da natureza e outros saberes – as artes, as filosofias, as antropologias, as ‘humanidades’, as ‘animalidades’ e... – em modos de pensar e criar potentes.

Isabelle Stengers (2023), em seu livro *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*, ajuda-me a percorrer com outros olhos todo esse meu trajeto formativo e atuante enquanto professor e pesquisador nos campos da (educação em) ciências. A autora nos traz, inclusive, uma interessante perspectiva para inspirar os nossos trabalhos na tarefa de desacelerar as ciências (Stengers, 2023). Reduzir a velocidade nas engrenagens científicas cultivando espaços de comunicação entre pesquisadores próximos de mesmas áreas e de campos distintos, investindo na escuta do outro, valorizando o contato entre saberes, demonstrando a atenção ao que temos feito, em um compromisso ético-político com a nossa geração e com as futuras. Isso tudo também deveria interessar à educação em ciências.

Percebo e afirmo, assim, que este trabalho acontece em um território da pesquisa em educação (em ciências) – em suas ramificações inter/transdisciplinares –, tanto pela minha formação e atuação enquanto professor e pesquisador no campo educacional, quanto pela percepção do que se pode aprender ao encarar visceralmente as relações tecidas entre vida-e-morte. A escrita entre vivos e mortos explicita os encantos que fazem mover diálogos e

alianças possíveis entre naturezas-culturas, saberes filosóficos, artísticos, científicos, e... para criar modos potentes de se pensar em educação – e, quiçá, educação em ciências. Práticas como a própria aposta ensaística na/com a/pela escrita podem ser uma via, em tempos em ruínas, de agenciar estratégias de luta nos territórios em disputa que se localizam na educação.

Dessa forma, múltiplas inspirações teóricas e experienciadas vão se emaranhando na tessitura de linhas multiespecíficas de vida-e-morte nessas escritas. Parto do trágico encontro com a morte da Gatinha Colorida para percorrer outros afetos e atravessamentos pelas ruas da cidade, pelos terrenos abandonados e pela universidade, cartografando, dando vazão às linhas que ebulliam. Mesclo escritas poéticas com outras em tons ensaísticos, de modo a embrenhar conexões entre ciências, artes e filosofias, levando a poética também a sério como caminho rigoroso de pesquisa. Escrevo em fragmentos, de modo a dar espaço também ao vazio entre eles, abrindo caminhos ao que pede passagem.

Busco, enfim, pensar em certas educações possíveis ao viver e morrer com outros seres, desierarquizando da noção de humano enquanto campo hegemônico, mas percebendo – e aprendendo com – os afetos que atravessam o corpo em paisagens multiespécies. São experimentações de educações multiespécies localizadas em tempos e espaços. Educações que buscam, em suas limitações, situarem-se, engajarem-se afirmativamente contra as artimanhas coloniais, neoliberais e capitalistas que dizem, de modos desiguais, quem – quando, onde e como – pode ou não viver e morrer. Educações que apostam em maneiras de aprender a viver e morrer com outros seres, em movimentos do zigzague para forjar espaços e tempos de desierarquizar e desindividualizar para, enfim, forjar modos coletivos, múltiplos, abertos às alteridades significativas, às diferenças. Eis algumas pistas das complexidades e das trágicas aprendizagens que acontecem na vida e morte com.

2. Emaranhar

Viver com

Intensidade

Criar com

Vontade

Compor com

Respons-habilidade

Vidas...
Perceber as mortes
Composições em literalidades

Morrer com
Coragem?
Dor?
Valentia?

Viver e morrer com
Ousadia?

Seres
Terranos?
Humanos?
Mais-que?
Não?

Viver e morrer com
A Terra
Viver e morrer para
Criar outros mundos

Na terra fertilizar
Corpos a transcriar
Matéria em fluxos
Movimentos intensos
Num chão com tanta história
Caminhos a experimentar

3. Viver e morrer com

Levar a sério a tarefa de viver e morrer com os seres na Terra/terra. Experimentar a arte de compor com. Também se abrir aos afetos que percorrem o corpo e pedem passagem.

Viver e morrer com. Viver e morrer com. Viver e morrer com. Repetir, repetir, repetir, até ficar diferente. Perceber as intensidades de viver e morrer com. Estar poroso ao mundo para poder, de fato, viver e morrer com.

Viver e morrer com os outros seres demanda de nós coragem para perceber os movimentos que acontecem cotidianamente nos emaranhados multiespécies que vamos tecendo.

Viver e morrer com demanda perceber que “As espécies companheiras contaminam-se umas às outras o tempo todo” e, assim, compreender que “As obrigações corpóreas éticas e políticas são contagiosas, ou deveriam ser. *Cum panis*, espécies companheiras, juntas à mesa” (Haraway, 2023, p. 53). Dividir a mesa com o outro, seja ele humano ou não. E quando esse outro não divide a mesa conosco, e é, na verdade, servido à mesa, seria companheiro também? Viver e morrer com, incorporando que viver é também matar... devorar... digerir... excretar... transcriar... decompor... múltiplas possibilidades!

Aprender a viver e morrer com também com outros humanos. Junto de Donna Haraway, a autora Juliana Fausto (2020) pensa nas questões que envolvem viver e morrer com. Certa escrita de Fausto me inquietou muito. Ao dialogar com Haraway acerca do uso de animais em experimentos científicos – os quais matam uma quantidade exorbitante desses seres não humanos –, o autor nos convoca à necessidade de, quem sabe, mudarmos o nosso foco para, ao invés de apenas querer viver *ad eternum*, também aprendermos a morrer. Assim, “A vontade de inocência e a *hybris* da dominação do mundo também se exprimem em um desejo de imortalidade. Aprender a morrer, portanto, em vez de apenas matar” (Fausto, 2020, p. 248).

Enovelar-se nos caminhos possíveis para também aprender a morrer – tarefa tantas vezes negligenciada. Será que os caminhos da nossa educação formal, nas escolas-e-universidade, têm nos ensinado a morrer? E nas mídias, nas redes sociais, nas pedagogias culturais, nos nossos nichos, nas famílias, nas igrejas, quais discursos e práticas entremeiam-se na tarefa de morrer? Seria um apagamento total dessa dimensão da vida – o fim? –? Ou, quiçá, um excesso de produção de discursos e práticas unicamente direcionados no que tange o morrer e o lidar com a morte? Poderia ser também um começo para perceber as coisas de outras maneiras? Quiçá, aprender a viver e morrer com as naturezas-culturas que nos circundam. Despret (2011; 2021; 2023) já nos convoca a ter atenção à morte não como fim da vida, mas como continuação, processo, caminho em aberto.

Talvez, só aprenderemos a viver quando soubermos também nos reconhecer como seres mortais, ‘morríveis’, matáveis, finitos. Sobretudo, aprender, aprender e aprender – a viver e morrer com. Ter os olhos abertos, cultivar um corpo poroso aos encontros. Abandonar certas idealizações e romantismos já caducos para, enfim, ver a visceralidade que transborda em vida e morte. Atentarmo-nos, então, à força de viver e morrer com.

Aprender a escutar, a olhar, a sentir. Curar as feridas que vão se abrindo. Viver os lutos. Morrer para seguir vivo. Perceber a potência de conviver. Fazer-se em atos cotidianos, juntos, com os outros. Em presenças e ausências. Em ausências que se anunciam como presente vivo.

4. Repensar a vida de frente à morte

Em uma manhã de uma segunda-feira qualquer, enquanto caminhava perto de casa, voltando da academia, naquelas cenas cotidianas banais antes de começar os trabalhos-sem-fim da semana, uma cena me impactou intensamente. Quando andava pela rua vi uma gatinha linda e toda colorida que mora nas redondezas, ficando geralmente na calçada, próxima a uma praça. Ela era alimentada e cuidada pelos moradores locais. Sempre a encontrava por ali. Deveria ter um nome para os humanos daquela região, tenho certeza que sim.

Quando passava, vi a mesma tentar atravessar a rua sem prestar tanta atenção. Cena banal, repito: atravessar a rua no seu território já conhecido. Mas, nas banalidades, há sempre certa dose de perigo, e a atenção deveria ser redobrada nos momentos que passam despercebidos – sobretudo ao atravessar as ruas! Ou será que os gatos não aprendem isso? De repente, um motorista em um carro veio e a acertou em cheio. Foi a hora do fim, eu sabia, pegando em sua cabeça e machucando-a gravemente. Depois não havia nada a ser feito para evitar a sua morte: já era certa, só restava esperar mais alguns instantes.

O carro – pilotado por um motorista humano, por um homem, por um ‘macho’ – passou por cima dela, destroçando-a. E foi embora. Sei que a viu. Ele não freou. Passou por cima e foi embora. Atropelou e ‘vazou’. Repito como aquela cena que voltava-voltava-voltava em minha mente, em cenas aterrorizantes. Aquela pessoa a matou friamente e partiu como se nada tivesse acontecido. Tudo isso na minha frente, também me deixando aos pedaços – segui vivo, mas contaminado por aquelas cenas mortais; quiçá, mais vivo ainda após tamanha proximidade com a morte. Dentro de mim junto de tamanho sofrimento ecoava também a questão: e se fosse eu atropelado por aquele carro?

Depois de vivenciar uma morte, o que fazer? Como nos portamos quando presenciamos tamanha intimidade com o fim da vida? Ou melhor, com o fim de uma possibilidade de vida – orgânica, fisiológica – e abertura ao que compreendemos como morte? No asfalto aquele ser agonizava em seus últimos suspiros. O corpo ainda era a gata? Mutilado, tremia, contorcia. Sentiria dor ainda depois de ter o crânio esfacelado ou seriam espasmos musculares de um sistema nervoso prestes a sucumbir? Até onde isso fazia diferença?

Com essas reflexões, recordo-me de escritas tecidas em períodos de múltiplas mortes, como a pandemia de covid-19, acontecimento que, dentre

tantos conhecidos humanos que morreram em decorrência da infecção viral e adoecimento, levou o meu pai. Após aquele momento, junto de Lúcia Estevinho, escrevi o texto *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (Sales & Estevinho, 2021), o qual pensamos na vida-e-morte como acontecimentos íntimos, inseparáveis, sobretudo nos territórios marcados por pandemias. Sobre lidar com a morte-biológica, naquele momento refletimos que:

A morte-biológica marca o fim de uma vida. (...) Esta morte-biológica atravessa outros territórios da vida, sendo também antropológica, afetiva, sociológica, histórica, política: ela é um acontecimento. Morte-acontecimento: acontecimento tanto para quem morre quanto para as pessoas conectadas a quem morreu. Para quem morre, num instante tudo se transforma: a vida biológica finda e vai em direção a sabe-se-lá-o-que... Para quem fica, finda a vida biológica de quem se foi e vai em direção a sabe-se-lá-o-que também, agora em uma vida outra, sem a presença física de quem morreu. Como névoa que encobre o que se conhecia, multiplicidade pulsante, o acontecimento da morte desestabiliza muitas linhas que sustentavam mundos dos sujeitos envolvidos e, a partir de então, só resta caminhar: caminhar em direção ao quê? (...) Caminhos incertos e novos, nos quais somos caminhantes. Caminhar pelo avesso? Talvez seja necessário, sem saber o que será encontrado. Mudando de sentido, ficando sem sentido, encontrando caminhos no caminhar (Sales & Estevinho, 2021, pp. 279-280).

Estar de frente à morte-biológica é presenciar fins e começos de elaborações, de outras relações, as quais são também variadas e dependem de múltiplos atravessamentos. Os lutos podem embrionar confusões momentâneas necessárias para cartografar este território que, mesmo que já tenhamos nos aproximado antes, ainda carrega certa dose de medo e de desconhecido. Trajetos novos e necessários mas, nem por isso, mais palatáveis e fáceis de se lidar.

As cartografias com os vírus me ensinaram muito sobre a árdua arte de viver e morrer com em emaranhados multiespécies. Tracei as mesmas sobretudo com as pandemias de covid-19 e de HIV/aids. Se hoje escrevo pensando na morte de outros seres, é também por ter atravessado essas convivências tantas vezes atritosas e mortais entre humanos-e-vírus. Sobre os territórios pandêmicos – e, em especial, nas relações com o HIV e a aids –, refleti em *A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença* que:

Nestas tramas repletas de perigos e chances de descarrilhar-se em mortes, torna-se urgente mobilizar outras formas de narrar e experienciar tal pandemia: falar em possibilidades outras ou diferentes não é pensar em algo “único” e “inovador”, mas sim, abrir-se para a escuta dos corpos, das subjetividades, das demandas,

estando atento às tensões e às pedagogias que capturam e tentam controlar, disciplinar e se nutrir a partir da vida (Sales, 2022, p. 21).

Revisitar estes escritos nesse momento me atravessa em novos questionamentos na medida em que retoma certas questões que já fervilham há tempos. Como temos nos aproximado da possibilidade da morte? E com a prática de matar? Que discursos investimos em torno disso tudo? De que forma somos capturados por eles?

São múltiplas pedagogias imbricadas, seja nos contextos pandêmicos que dizem quais corpos humanos podem morrer – geralmente racializados, com deficiência, idosos, desviantes dos padrões de gênero e de sexualidade, empobrecidos, habitantes do Sul global –, seja no atropelamento de animais pelas ruas e estradas. Banaliza-se a morte do outro, tanto descartando os cadáveres em valas comuns, triste acontecimento comum mundo afora durante o ápice da pandemia de covid-19 e também em certos momentos da aids, quanto jogando-o nos terrenos abandonados, como presencio cotidianamente com gatos, cães, aves e outros animais assassinados em envenenamentos e acidentes com carros pela cidade que resido. Neste segundo caso, permanece conosco durante prolongado período o cheiro fétido dos corpos apodrecidos, os quais insistem em anunciar: eis aqui uma vida que se findou.

Cruzei com o caminho da Gatinha Colorida naquele dia que, fatalmente, foi atravessada por um carro em alta velocidade. Privilégio meu ou azar? Cena horrível de se ver. Fiquei estarecido, completamente sem palavras. Escutava música no fone de ouvido naquela hora, mas tive que pausar. O mundo parou, na verdade, ao presenciar tamanha tragicidade de frente ao meu corpo. Parei. Silêncio, tontidão. A minha pressão caiu enquanto andava na rua. Por sorte estava próximo de casa, e consegui finalizar o trajeto. Fiquei em choque, sem reação. Era tudo muito triste ao vivenciar aquele assassinato.

O que poderia aprender com tamanha experiência traumática? E para além dos discursos – tantas vezes intoxicantes – de ‘aprender-com-a-dor’, será que precisava ‘tirar algo de bom’ daquilo? Ou melhor, teria como sair ileso sem algo permanecer em mim depois daquela manhã? Aquilo me machucou de muitas formas, por tantos motivos... Pela inércia, pela incapacidade de algo fazer, pela ressonância que aquela vida causava na minha. Ver a morte tão de perto pode nos assustar, e é algo pavoroso – ao menos para mim, para o motorista não tenho a mesma certeza. Naquela cena, existia uma diferença entre corpos anestesiados, corpos em choque e corpos aos pedaços – seria simplesmente uma questão de perspectiva?

Nos permitir ser afetados por algo é também nos reconhecer vivos e finitos. Me lembro dos emaranhados multiespécies que Donna Haraway (2022; 2023)

explora em suas fabulações especulativas, se enovelando em estórias de vida-e-morte. A minha vida se tecia com a da Gatinha Colorida também e, naquele momento, com a sua morte. Era uma ressonância, entrar em um movimento com ela. Talvez, devir-com aquele ser, mesmo que em sua morte. Devir-com, viver e morrer com.

“Ser um é sempre devir com muitos”, afirma Haraway (2022, p. 10) ao refletir que devir-com é um devir-mundano. Devir com outros seres – humanos, não humanos, mais que humanos, outros que humanos, e... – não é imitar nem tornar-se necessariamente outra coisa, mas com eles aprender, se transformar, entrar em velocidades. É se permitir ser afetado e deslocar com a intensidade que advém de um encontro, de diferentes modos de vida e também de morte.

Ao presenciar a morte da Gatinha Colorida fiquei tão atordoado por vê-la em mim, e me ver nela também. Seria um devir-gato do humano, devir-humano do gato? Devires multiespecíficos, inspirado no devir-vespa da orquídea e devir-orquídea da vespa que Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p. 26) dissertam:

[...] não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja significante.

Rizomas, misturas. Encontros entre heterogêneos. Dupla fissura – do humano e do felino naquele encontro. Devires... em linhas de fuga – para quem? Creio que para mim, mas talvez para a felina já era tarde demais.

Percebo ser importante reconhecer que as perspectivas do conceito filosófico de devir para Deleuze e Guattari (2011) são diferentes de para Haraway (2021; 2022; 2023). Não desejo aprofundar e menos ainda esgotar esta discussão teórico-conceitual densa e extensa, mas trago nessas escritas certas percepções de ambos que sejam frutíferas às derivas e fabulações aqui movimentadas. Percebo ser potente a maneira que os filósofos franceses movimentam as múltiplas possibilidades de devir e rizomar em dimensões desviantes e menores. Enquanto isso, a bióloga-filósofa-antropóloga estadunidense expande com a percepção de que o devir acontece necessariamente *com* os outros seres, em íntimas relações que acontecem em nossos emaranhados territórios situados de vida-e-morte.

A percepção de nós dois sermos corpos carnis, matáveis, morríveis é algo que ressoou com força naquele momento de devir com a felina que atravessou a

rua em um instante infeliz. Eis a dura artesanaria de viver e morrer em um mundo em ruínas com múltiplos nomes, como: Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, já que, como nos lembra Haraway (2023, p. 197), “[...] as questões que envolvem nomear relevantes ao Antropoceno, Plantationoceno ou Capitaloceno têm a ver com a escala, a relação taxa/velocidade, a sincronicidade e a complexidade”. Assim, deveríamos nos fazer as seguintes perguntas: “[...] em que momento as mudanças de grau se tornam mudanças de natureza? E quais são os efeitos de pessoas biocultural, biotécnica, biopolítica e historicamente situadas (não do Homem) em relação – e em combinação – aos efeitos de outros agenciamentos de espécies e outras forças bióticas e abióticas?” (Haraway, 2023, p. 197). Como os seres se engajam nessas dinâmicas complexas e situadas? E de que modo estas nossas cartografias percorrem tudo isso?

Em tempos marcados pelas crises climáticas, humanitárias, animais, vegetais terrestres, terranas, éticas, estéticas, políticas, Haraway (2023, pp. 197-198) é contundente ao afirmar que “Nenhuma espécie age sozinha, nem mesmo a nossa, do alto de sua arrogância e da pretensão de ser constituída por bons indivíduos, segundo roteiros ocidentais, dito modernos. Os agenciamentos entre espécies orgânicas e atores abióticos fazem história, do tipo evolutivo e de outros tipos também”. Existimos e nos fazemos com os outros. Vivendo e morrendo nesses emaranhados complexos, situados, carnais, terranos.

Retorno à trágica cena do assassinato da Gatinha Colorida. Sem ter um carro – símbolo tão forte do capitalismo em sua ascensão e decadência, marca necessária do que Preciado (2023) chama de “capitalismo petrossexual” –, ando pela cidade que resido, com seus cerca de cem mil habitantes, localizada no interior da região sudeste brasileira, tantas vezes no meio da rua pela ausência de um local apropriado para caminhar em segurança – fruto da especulação imobiliária e da irresponsabilidade compartilhada da gestão municipal e de proprietários de lotes perante pedestres. Carrego em mim fortemente o pavor de ser atropelado: medo de ser morto, decepado, abandonado ao relento, acontecendo como na música *Construção*, de Chico Buarque: “morreu na contramão atrapalhando o tráfego”. O que aconteceu com ela ressoou em mim, sim. Naquele encontro visceral, alguma coisa aconteceu em mim – e segue ecoando.

E se fosse eu? Atropelado, mutilado, abandonado ao relento para morrer sozinho? Poderia ser eu, sei que sim. E, será que se fosse eu, humano, homem, branco, cisgênero, a comoção no local seria a mesma? Era uma rua de médio movimento e, naquele momento, tudo seguiu como se nada acontecesse. Como Preciado demarca acerca do regime petrossexual, este possui uma “estética patriarcal, colonial e fóssil” que tem como base a “[...] destruição do ecossistema,

a violência sexual e racial, consumo de energias fósseis e carnivorismo industrial” (2023, p. 44). Estamos à mercê de sua destruição, porém cada um impactado de diferentes formas a decorrer de múltiplos fatores: espécie, etnia, classe social, região global, nacional, estadual, municipal, gênero, idade, configurações corpóreas, orientação sexual, dentre outros marcadores.

Enquanto isso, repetia a cena de sua travessia e atropelamento – coisa que acontece até hoje ao passar naquele lugar ou me cruzar com outros animais pelas ruas. Talvez o motorista não tenha visto, pensei de início, mas ao ver o decorrer daquela história e até o barulho acontecido, duvido. Acredito que foi proposital, intencional, homicídio doloso. Essas pessoas cruéis existem, e não são poucas. Os mesmos homens – masculinos, sim! – que atropelaram a gatinha colorida provavelmente são os que matariam mulheres, pessoas LGBTQIAPN+³, negras, em situação de rua... que cometem atrocidades quando ninguém vê, e quando alguém vê também, pois não se importam. E sabem que dificilmente algo acontecerá com eles. Tristemente, seguem há séculos podendo (quase) tudo.

Também me contaminou certa sensação de responsabilidade perante a sua morte, como se eu tivesse a ocasionado. Será que a gatinha fugira de mim quando me avistou caminhando pela calçada? Para além do luto, existiria também culpa em meu peito, movimentando inclusive a escrita desse texto? Era uma culpa por andar pela cidade? Ou seria culpa por viver, logo também matar? Culpa por permanecer vivo, enquanto ela não mais. Quem sabe, até descascando as camadas da culpa, também seja por, depois de quase dez anos vegetariano, voltar a comer carne? Quiçá, a culpa por ser humano? Culpa pelos outros humanos? Entre sensações e afetos não tão alegres que percorriam o meu corpo, muitos atravessamentos compunham aquela cena e permeiam essas estórias caóticas que tece em fabulações carnis, reais, terranas e especulativas vivendo e morrendo com ela.

Quantos marcadores me aproximariam e distanciaram da gatinha? O corpo dela decepado, o meu seguindo, também aos pedaços. Ela morta, eu ainda vivo. As duras tramas de viver, morrer e aprender com.

³ Sigla em referência às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binárias, dentre outras.

5. Imagens-escritas entre vida-e-morte

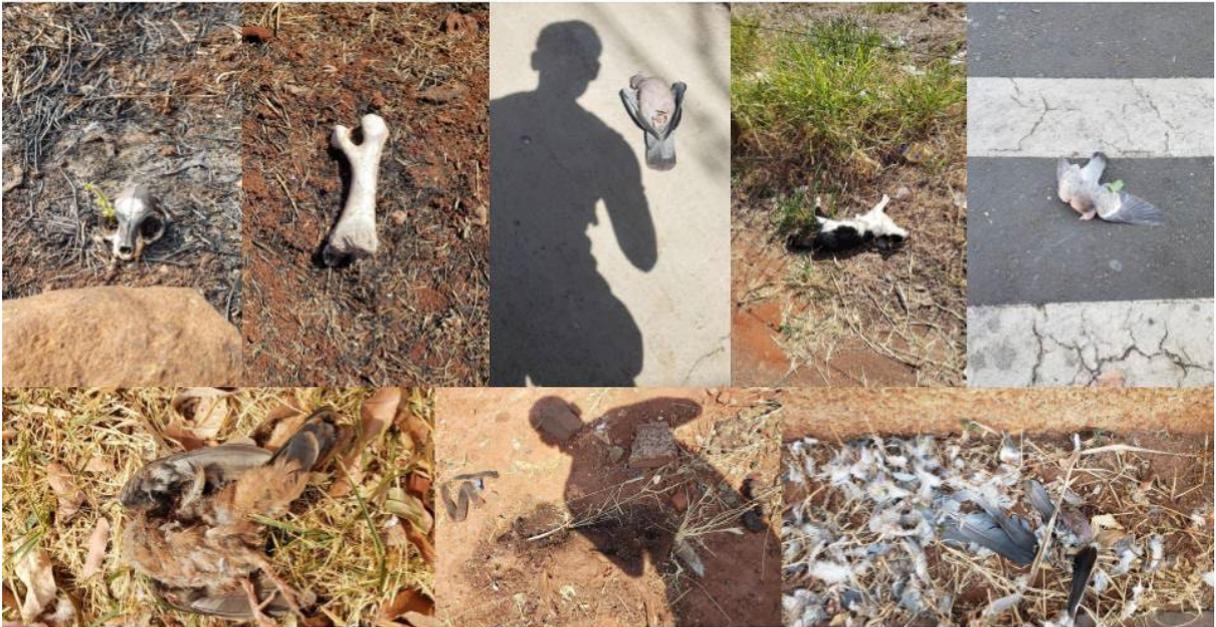


Figura 1. Pela cidade, de pés no chão, viver e morrer com. Registros do próprio autor em derivações pela cidade de Ituiutaba – MG. Edição também do autor.

Vivendo e morrendo pela cidade
Queria que fosse só ela
Ou melhor, nem ela
Queria que não fosse ninguém
Utopia? Desejo? Tentativa?
Mas nunca só é
Nunca é apenas
Sempre é
Sempre tem mais
Nunca é só

Ao caminhar
De pés no chão
Vejo, percebo, reconheço
São tantos

No fim, somos todos nós
De diferentes formas
Corpos vivos

Viver e morrer com: (trágicas) aprendizagens multiespécie e modos de dizer adeus
Tiago Amaral Sales

À mercê da morte
Corpos mortos
A putrefar

D.e.c.o.m.p.o.r.
Com fungos e insetos, retornar
Da terra viemos, a ela voltaremos
Simples assim?

Vidas precárias
Precarizadas
Rotuladas
Tantas vezes descartadas
Algumas mais do que outras
Eu sei que sim

O carro, o veneno
O fogo, o vento
O Homem, a perversidade
Os gatos, os gaviões
As formigas, os vermes
O apodrecimento
E o cheiro que exala
Desta transformação
Ciclo da matéria
Ao solo misturar

Cenas cotidianas
Na ausência de um veículo
Automotor
Atrever a sentir o tempo
A brisa, o deslocamento
A seiva do momento
Visceral

Atrever a me perder
E depois recompor
Ver o movimento
Urbanoide, violento

Da vida e morte
Pela cidade
Com
Sem tanto fulgor

6. No seguir da vida

Após presenciar uma situação traumática – e algo que desinquieta o nosso corpo, que desloca a nossa vida e coloca os nossos sentidos e percepções de tempo-espaço-mundo a se reinventar – tantas vezes as imagens do acontecido se repetem-repetem-repetem. Podem ser tentativas de digerir o que se passara, de entender o que fora tal questão e como seguir no mundo com ela. Tantas vezes lembrava daquilo. E conversei com inúmeras pessoas sobre o que ocorrera. Parece que precisava voltar naquele momento e falar-falar-falar de diferentes formas a cena para elaborá-la. Recordo-me de Despret (2023, p. 41) sobre os modos de seguir com os mortos:

Falar bem dos mortos é, primeiramente, aprender a seguir aqueles que falam ‘a partir deles’. Em outros termos, é partir do meio e acompanhar todos os seres a partir daí. Falar ‘a partir de’ não é apenas seguir, mas se deixar instruir. É aprender não apenas a cartografar redes de relações, mas circular entre elas (Despret, 2023, p. 41).

Falar bem dos mortos. Falar dos mortos. Falar com os mortos. Falar. “Aprender a partir dos mortos” (Despret, 2023, p. 41). Seguir com os mortos. Aprender com os mortos. Sentir a presença dos mortos. O seu cheiro pelas ruas, os seus ossos pelos terrenos, a sua presença e a sua falta pelos ventos. Eles estão lá, não há como negar – mesmo que se tente, dependendo do local, escondê-los.

Nas salas de aula daquela semana, ao atuar na formação de professores e professoras de ciências e biologia, falei tanto daquilo. A partida da Gatinha Colorida ecoava em minha vida e me restava encontrar um modo de dizer adeus. Ao compartilhar aquela estória, também escutei outras de estudantes e colegas acerca dos tantos assassinatos de animais não humanos que ocorrem naquelas redondezas. Mal imaginava quão frequente seriam. Era uma maneira de pensarmos no ensino da vida atrelado à relação com a morte: dimensões inseparáveis, pois vivemos e morremos com.

Ituiutaba, a cidade em que tudo isso aconteceu, possui cerca de 100 mil habitantes e se localiza no pontal do triângulo mineiro, na região sudeste brasileira, em divisa com a centro-oeste. O tamanho populacional humano pode até parecer diminuto perto das médias e grandes cidades nacionais, porém a

mesma consiste em um emaranhado de vidas – humanas e não humanas – que se encontram e, tantas vezes, atritam. O caso da Gatinha Colorida é só mais um desses.

Plantações de cana de açúcar disputam os espaços com os remanescentes de cerrado da zona rural. Já na área urbana as casas e terrenos a serem construídos acabam com o que restava de vegetação nativa. Quando cheguei nesta cidade de mudança, no começo desse ano, quase nada encontrei de árvores tortuosas – típicas em tantas fitofisionomias do bioma cerrado – mas, surpreendentemente, fui recebido por uma multiplicidade de espécies animais, como araras, tucanos, maritacas, insetos e outros seres silvestres, junto de gatos e cachorros de rua.

Os felinos e canídeos “domesticados” há milhares de anos – tema que Donna Haraway (2021; 2022; 2023) tanto explora acerca dos cães e de suas relações com os humanos e Juliana Fausto (2020) com os gatos, no primeiro capítulo de seu livro – para fazerem companhia aos humanos – o que, na realidade, constitui um processo coevolutivo que segue em movimento – povoam não só casas, mas também ruas tijucanas (nome dado a quem é de Ituiutaba, em referência ao rio Tijuco que abastece a cidade). Estas questões para os amantes de cães-e-gatos é algo que assusta ao ver tantos desses bichanos – sobretudo os gatos – jogados pelas ruas, desnutridos, adoecidos e morrendo atropelados, como no caso da Gatinha Colorida em sua trágica despedida que tive a tristeza de presenciar. Nos meses que se passaram após a sua morte presenciei outra cena de atropelamento de gato na mesma rua e me encontrei outros tantos corpos de felinos e de outros animais mortos nas proximidades, registrando alguns desses acontecimentos e levando à experimentação da Figura 1.

Ao realizar uma rápida investigação na internet, digitando as palavras ‘Ituiutaba’ e ‘animais de rua’ nas plataformas de pesquisas digitais, encontro uma série de postagens que percorrem divulgação de ações de Organizações Não Governamentais de proteção aos animais, coletivos formados pela população humana para cuidado dos cães-e-gatos que vivem soltos nas ruas, movimentos da prefeitura para adoção dos mesmos, entre outros. O que mais me chocou – sem, na verdade, ser algo que, de fato, se distancia do que vivencio ao morar em tal cidade – foi encontrar uma manchete jornalística com um vídeo de dezenas de gatos em uma praça⁴. Era lá que a Gatinha Colorida também vivia, ao lado da

⁴ Em referência à manchete “Vídeos que mostram gatinhos abandonados em rua de Ituiutaba geram comoção na internet – Moradores se uniram para levar alimentos para os animais. Segundo a polícia ambiental, situação já tinha sido denunciada há mais de 2 anos. Secretaria de Meio Ambiente e Sociedade de Protetores de Animais da cidade comentaram o caso” <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/11/29/videos-que-mostram-gatinhos->

via em que morreu. Quantos deles já não estão mais entre nós? Quantas vidas não foram ceifadas por atropelamentos, doenças tratáveis, envenenamentos, fome, desnutrição?

No dia seguinte lembrar da cena da Gatinha Colorida sendo atropelada e agonizando na rua parecia um filme de terror ou, quiçá, um pesadelo. Chego a pensar que, tantas vezes, fantasiar algo diferente daquilo – como certa negação de sua morte – poderia reconfortar a dor. Também escrever – como faço nesse texto – apresenta-se como caminho para criar outros fins, para fabular com o que aconteceu e tecer linhas de vida, mesmo com a morte.

Talvez, experimentar escritas poéticas, ainda que trágicas, embebidas de movimentos filosóficos e inspirações artísticas, seja um caminho de também ensaiar cotidianamente e visceralmente a vida e a morte com os seres no mundo. Sobre a experiência e poética trágica, Ubaldo Puppi (1981) reflete que:

Os riscos da experiência poética não são porém motivo para temê-la, pois afinal de contas a poesia é tão arriscada e indeclinável como a própria vida. Não é a poesia, mas a falta de poesia, que violenta, oprime, reprime, tortura, mata, desmata, polui, esteriliza. O tecnoburocrata *faz* sem poesia. O estetismo *deixa* fazer. A poesia trágica denuncia e compromete, com a denúncia, seu portador (Puppi, 1981, p. 49).

Experiências e experimentações.

Poéticas aprendizagens trágicas.

Poesia. Aprendizagem. Tragicidade.

Também os caminhos possíveis – e eles existem, não tenho dúvidas!

Embeber-se de possibilidades.

Trajetos de viver, morrer, aprender, escrever e fabular com...

Dia após dia, seguir...

7. Viver é também matar?

Sugiro que é um erro separar os seres do mundo entre aqueles que podem ser mortos e aqueles que não podem, bem como um erro fingir que é possível viver fora do ato de matar. (...)

O problema é aprender a viver de forma responsável dentro da necessidade múltipla e do trabalho de matar, de modo a estar no aberto, em busca da capacidade de responder em implacável contingência histórica, não teleológica e multiespécie. Talvez o mandamento devesse ser: “Não tornarás matável”.

[abandonados-em-rua-de-ituiutaba-geram-comocao-na-internet.ghml](#)>. A mesma foi publicada em 29/11/2021 e acessada em 18/07/2024.

Tenho aprendido muito com Donna Haraway nos últimos anos. Ela, terráquea, eucariota, pluricelular, humana, bióloga, professora, como eu. Tantas coisas em comum? Também há muitas diferenças. Eu, inspirado nela – em, quiçá, um devir-com Haraway – e em outras autorias, me enveredando nos estudos multiespécies, profanando redutos científicos. Enveredando-me em brechas, interfaces e diálogos possíveis que acontecem nos campos inter/transdisciplinares entre artes, ciências, filosofias, antropologias, e... me encontrando na educação. Aprendendo, sobretudo, a forjar caminhos para viver e modos de existir.

Ao pensar nos trajetos de vida, entendo que não nos cabe – e nem parece ser possível – deixar de lado a dimensão da morte. Para nos fazermos vivos, tantas vezes também matamos. Viver é reconhecer que a morte é, paradoxalmente, a abertura à vida, à metamorfose (Coccia, 2020), à renovação. Formar-se e aprender também acontece nesses processos metamórficos (Rigue et al., 2024). São movimentos, ciclos, inconstâncias e, quiçá, as únicas certezas que nos restam.

Mas, para além da tensão entre vida-e-morte, existem parâmetros éticos a serem pensados, como nos ensina Haraway (2022) ao propor a não separação entre os que merecem viver e os que devem ser mortos. Tal tarefa nos coloca em movimentos de repensar os modos que temos tecido as nossas relações multiespecíficas rotulando certas vidas em determinadas circunstâncias como dignas de permanecerem – humanos brancos, sem deficiência, masculinos, cis-heteronormativos; também cães e gatos de raça, por exemplo – e as que não só merecem mas precisam ser mortas por diferentes motivos – humanos racializados não brancos, com deficiência, femininos, desviantes das normas de gênero e sexualidade; também animais silvestres a serem caçados, vacas, frangos, porcos e carneiros a serem abatidos em massa, cavalos ao ficarem idosos, cães e gatos de rua, insetos (sobretudo baratas, formigas, pulgas), aracnídeos, vermes, dentre outros animais não humanos.

“Não tornará matável” (Haraway, 2022, p. 117) seria um bom mandamento sim – quem sabe, melhor até do que ‘não matarás’, clássico na bíblia cristã mas impossível de ser praticado radicalmente, visto que até em hábitos teoricamente menos agressivos, como práticas alimentares e estilos de vida veganos, assim como no cultivo agroecológico, ainda matam plantas, fungos e animais como insetos e anelídeos, por exemplo.

Como, então, cultivar uma relação de responsabilidade (Haraway, 2022; 2023) com os outros seres? Não classificá-los como necessariamente dignos da

morte – ou melhor, de serem por nós, Humanos (com H maiúsculo, sim!), todopoderosos, mortos – é um primeiro passo, pois desierarquiza certas relações e coloca-nos a pensar nas circunstâncias e no que é necessário em cada uma delas. Eis uma relação ética, de habilidade responsiva – como nos ensina Donna Haraway (2022; 2023) acerca da responsabilidade – a ser cultivada cotidianamente e coletivamente.

A morte está em todo o canto e, após presenciar a partida da Gatinha Colorida, decidindo imergir na escrita desse texto, me coloquei a perceber com mais atenção animais mortos na rua, atropelados, envenenados, pisoteados, devorados, queimados. Também me lembrei dos cemitérios humanos, percebi melhor os açougues, me atentei às carnificinas que acontecem nos frigoríficos e são naturalizadas. Vi os gatos caçando aves, as formigas devorando os cadáveres de outros insetos. Presenciei notícias midiáticas de assassinatos trágicos, de genocídios contra povos indígenas como os Yanomami e os Guarani-Kaiowá, no norte e centro-oeste do Brasil, e as populações palestinas, no Oriente Médio. Os tiroteios nas periferias globais, os aviões caindo, os humanos e cães soterrados nos deslizamentos de terra, os corpos incendiados no pantanal e no cerrado... em suma, a violência, os ciclos, os lutos necessários, as trágicas aprendizagens, as perversas tramas do sistema colonial capitalístico neoliberal (Rolnik, 2018), as lutas vitais e as indignações que nos lembram do privilégio que é estar vivo, o qual muitos e muitas não tem.

Entre a morte e o extermínio, entre o cíclico e o genocídio, existem certas distâncias. Resta-nos estar atentos e atentas a elas, cultivando um olhar cuidadoso e respons-hábil perante a nossa vida e a dos seres que compartilham e cocriam a Terra/terra conosco. Acabar com a morte não é possível, já aprendemos isso, mas torná-la um processo que acontece com maior cuidado e parâmetros éticos antifascistas e contracoloniais pode ser um bonito, potente e sensível caminho a se investir.

8. Ziguezagues, fissuras, dizendo adeus

Ficar com as complexidades não significa não agir (...); significa aprender a viver e pensar na abertura prática para a dor e a morte compartilhadas e aprender o que viver e pensar assim ensinam.

Donna Haraway (2022, p. 120)

Ficar com os problemas é ver o que podemos fazer com eles. Assim, “Para tal, temos a tarefa de não olhar o que se apresenta como problema como algo ruim, mas entender que naquilo/naquele está um caminho para mudar, para devir-

com, para metamorfosear” (Sales, 2024, p. 371). As complexidades nos demandam agências possíveis, por mais complicado que tal território se apresente. Quando conseguimos ter um pouco de calma, os nossos corpos vão percebendo que muito se pode aprender nos detalhes, entre vida-e-morte: trágicas aprendizagens entre heterogêneos, em emaranhados multiespécies. Com a morte, também é possível cultivar outros modos de dizer adeus.

Continuar aquele fatídico dia foi difícil. Demandou-me calma e coragem para seguir, mesmo titubeando... e quantos outros momentos em nossas vidas não são assim? Esgotam-nos, sugam-nos, paralisam-nos e demandam uma reinvenção de nossos caminhos. Ativar o corpo vibrátil (Rolnik, 2016) é uma necessidade para continuar a caminhar, a criar, a aprender, a inventar com a vida e com a morte.

Seguir depois de presenciar um assassinato a sangue frio não é fácil – sobretudo quando se é uma pessoa sensível ao mundo que nos cerca. Fingir que nada aconteceu seria uma saída? Como elaborar aquela cena perversa e cruel? De que maneiras poderia dar passagem àquele luto que iniciara, tanto pela traumática morte da Gatinha Colorida quanto pela minha percepção de que se estou vivo também posso morrer?

Mais do que morrer, posso ser assassinado, cruelmente torturado, violentado. Viver é muito perigoso, já dizia Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* (2015), e nas tramas neoliberais estamos sim em risco, uns mais do que os outros. Com certeza aquele acontecimento guardava a mim certas aprendizagens possíveis. Uma delas era tomar cuidado pelas ruas da cidade; a outra, não menos urgente, seria a importância da luta por políticas públicas no que diz respeito ao cuidado de vidas humanas e não humanas, o que vai desde implementação de leis de trânsito sérias, vacinação, castração e adoção de gatos e cães em situação de rua, até combater o desmatamento, garantir o direito a território aos povos originários, enfrentar genocídios e dar a atenção às questões climáticas atuais que tanto têm impactado diferentes populações humanas e não humanas mundo afora. São tantas micro e macropolíticas necessárias para cultivar modos éticos de viver e morrer com.

Alguns traços ingênuos que desejam, sonham e fantasiam mundos perfeitos vão se desfazendo quando percebemos que a ‘crueldade’ convive com sorrisos mansos, que o suspiro pode compartilhar um espaço com jatos de sangue. Em meio ao sistema colonial capitalístico (Rolnik, 2018) tudo isso se intensifica: questões de vida-e-morte. Drástico, dramático, visceral: assim é viver em tantos tempos e espaços.

Ao me perceber em um intenso devir-com a Gatinha Colorida, questiono se será que somos tão humanos assim. Haraway (2022), ao pensar nas bactérias que

proliferam em nossos corpos, reflete que: “Adoro o fato de que, quando ‘eu’ morrer, todos esses simbioses benignos e perigosos tomarão e usarão o resto do ‘meu’ corpo, nem que seja por um tempo, já que ‘nós’ somos necessários uns aos outros em tempo real” (Haraway, 2022, pp. 10-11). Humano, eu... noções que, facilmente, se desintegram, sobretudo na radicalidade carnalmente vivida na decomposição. Animal? Pluricelular? Matéria... em metamorfose, vidas em movimento, logo passíveis de morrer. Naturezas-culturas (Haraway, 2022) embrenhadas em uma ética da mistura (Coccia, 2020).

Lidar com esses perigos é uma constância de tempos de Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, como nos lembra Haraway (2023). Em um mundo em ruínas (Tsing, 2019), a morte paira pelas esquinas. Corpos são tidos como matáveis e descartáveis friamente, sem respeito algum, e já aprendemos que não precisa ser assim (Haraway, 2022): poderíamos experimentar outros modos éticos e respons-hábeis de lidar com esses processos, de manejá-los com cautela, de cultivar o cuidado uns com os outros. Quem sabe possamos, “[...] nesta árdua tarefa de viver-e-morrer-com, diariamente, também semear mundos possíveis, nas sombras e ruínas de outros que já não cabem mais, e precisam findar” (Sales, 2024, p. 371).

Nesses tempos dolorosos, tantas vezes cruéis, marcados por desastres e catástrofes, parece que não há saída. Mas, quando conseguimos acalmar o pânico, suavizar as tantas dores que atravessam os nossos lutos e lutas, é possível, quiçá, ver feixes de luz e sentir certa brisa. Conseguiremos parar? Quiçá, desacelerar, como nos ensina Stengers (2023)? E estamos atentos a isso?

As ruínas são território de insurgência, são o que temos. Sobre estes espaços que habitamos, Paul Preciado (2023, p. 33) nos lembra que “[...] as ruínas, apesar de tudo, são melhores que o capitalismo, melhores que a família heteronormativa, melhores que a ordem social e econômica mundial. Melhores que qualquer deus. Porque são nossa condição presente: nosso único lar”.

As nossas casas são as ruínas do Antropoceno, do Capitaloceno, do Plantationoceno. São os nossos territórios para vivermos e morreremos juntos de tantos outros seres. São onde nascemos e também passamos por nossos lutos. Chegadas e partidas entre-ruínas, entre corpos, entre tempos e espaços localizados, em emaranhados intensivos, proliferantes, em movimento. Um adeus? Quiçá, um até logo. Espaços de aprender a viver-e-morrer-com.

Bibliografia

- Coccia, E. (2020). *Metamorfoses*. Dantes Editora.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. I). Ed. 34.
- Deleuze, G., & Parnet, C. (1995). *Abecedário de Gilles Deleuze*. (Filmado em 1988-1989). Éditions Montparnasse.
- Despret, V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. N-1 edições.
- Despret, V. (2021). Pesquisar junto aos mortos. *Campos – Revista de Antropologia*, 22(1), pp. 289-307. <https://doi.org/10.5380/cra.v22i1.80501>
- Despret, V. (2011). Acabando com o luto, pensando com os mortos. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(1), 73-82. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100006>
- Fausto, J. (2020). *A Cosmopolítica dos Animais*. N-1 Edições.
- Haraway, D. (2023). *Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno*. N-1 edições.
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*. UBU Editora.
- Haraway, D. (2021). *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Bazar do Tempo.
- Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 18(37), 25-44. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>
- Lispector, C. (2019). *A hora da estrela*. Rocco.
- Preciado, P. B. (2023). *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*. N-1 Edições.
- Puppi, U. (2023). O trágico: experiência e conceito. *Trans/Form/Ação*, 4(1), 41-50. <https://doi.org/10.1590/S0101-31731981000100003>
- Rigue, F. M., Sales, T. A., & Dalmaso, A. C. (2024). Metaformoses em Emanuele Coccia: composições para habitar a educação e a formação docente. *Educação & Filosofia*, 37(81), 1465–1496. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v37n81a2023-64408>
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Sulina, Editora da UFRGS.
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (2. ed.). n-1 Edições.
- Rosa, J. G. (2015). *Grande Sertão: Veredas*. Nova Fronteira.
- Sales, T. A. (2024). Diante do Antropoceno: educações para viralizar mundos possíveis. *Criar Educação*, 13(3), 350–373. <https://doi.org/10.18616/ce.v13i3.8306>

- Sales, T. A. (2023). A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação. *Revista Espaço Do Currículo*, 16(3), 1–11. <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68236>
- Sales, T. A. (2022). A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença. *Pro-Posições*, 33. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0073>
- Sales, T. A., & Estevinho, L. F. D. (2021). Cartografias de Vida-e-Morte em Territórios Pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. *Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 6(11), 275-293. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>
- Sales, T. A., Rigue, F. M., & Dalmaso, A. C. (2023). Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. *Educação & Realidade*, 48(1), 1-24. <https://doi.org/10.1590/2175-6236124171vs01>
- Stengers, I. (2023). *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Tsing, A. (2019). *Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. IEB Mil Folhas.

TIAGO AMARAL SALES

Professor Adjunto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).